

A OBSESSÃO MASCULINA PELO CORPO: MALHADO, FORTE E SARADO

Dra. MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA

caputoferreira@terra.com.br

Prof. da Faculdade de Educação Física e Desportos (Faefd)

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Dra. em Educação pela Universidade de São Paulo (USP-SP)

Líder do grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico (CNPq) e projeto de iniciação científica: Corpo e diversidade

ANTÔNIO PAULO ANDRÉ DE CASTRO

Graduando em Educação Física da UFJF. Bolsista de Iniciação Científica

GISELE GOMES

Graduanda em Educação Física da UFJF. Bolsista de Iniciação Científica

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o discurso sobre as representações de corpos masculinos, frequentadores de academias de ginástica. Mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam há séculos para adquirir a forma física considerada "perfeita". Do halterofilismo compulsivo até o uso de esteróides, um número cada vez maior de homens procura satisfazer os padrões que se exigem para os músculos, a pele e os cabelos, o que transcende a linha do interesse normal para tornar-se obsessão patológica, o que impõe um risco à saúde tão perigoso e mortal quanto os representados pelos distúrbios da alimentação. Esse influi forte e decisivamente nas tendências supermusculares e nos transtornos dismórfico-corporais.

PALAVRAS CHAVES: Educação física; imagem corporal; corpo.

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Nos últimos anos, a sociedade vem passando por inúmeras modificações, o mundo parece estar mudado, os valores alterados, as pessoas diferentes, o estilo de vida parece outro. Nesse início do século XXI, fala-se muito em terceiro milênio, *new age*, nova consciência, globalização, qualidade de vida, ecologia, cibernética. Paralelamente, associamos aos costumes, cunhados pela cultura no decorrer dos séculos, as novas descobertas e vivências variadas no campo da sexualidade, da religião, da moral, da educação, da vida social.

Nas sociedades capitalistas, nas quais as relações definem-se pela produção e pelo lucro, o padrão ideal de homem segue os valores determinantes. Nessa perspectiva, o corpo humano é concebido da mesma forma que o corpo social. Essa concepção funcionalista de sociedade faz com que a mesma seja vista, metaforicamente, como um corpo estruturado com órgãos, no qual cada um deles desempenha uma função social muito precisa.

O corpo é um conjunto complexo que guarda sentimentos, sensações, pensamentos os mais diversos, armazena e desvela uma trajetória de vida, conferindo à história consistência e densidade. Percebemos que o homem vem demonstrando ter dificuldades em “ver e lidar” claramente e sem preconceitos com seu próprio corpo.

O corpo, entendido como conjunto matéria/espírito, não se situa no mundo de forma autônoma. Segundo Rodrigues (1975, p. 45):

a cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos.

Assim, a cultura determina aspectos do nosso corpo, tornando-se necessário examinar os modos particulares de como isso processa-se em diferentes sociedades, levando-se em conta também o papel das imagens sobre nossas percepções de corpo e os modos como a construção das identidades depende da construção das imagens do corpo.

No decorrer da história da humanidade, a forma como os homens e as mulheres trataram e continuam tratando o corpo revestiu-se e reveste-se de uma quase total irracionalidade. Percebe-se essa, numa certa padronização, estabelecida por diferentes critérios em diversos momentos da história, assim, em todas as épocas, a sociedade determinou e privilegiou um tipo de corpo.

Seria utópico falar de uma sociedade cuja cultura não se inscreva sobre o corpo, mas é urgente pensar em uma sociedade com padrões corporais flexíveis, que privilegie o corpo-real, corpo-possível, e que esse possa transitar de maneira confortável e com vontade pela vida.

Nosso relacionamento com o corpo é o ponto focal, fulcral, nuclear, que patenteia nosso “ser no mundo”. Percebe-se que há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática, em virtude das especificidades culturais de cada sociedade, na qual o conjunto de hábitos, costumes, crenças, tradições, que caracterizam uma cultura, também refere-se ao corpo.

Este artigo visa apresentar e discutir questões relativas ao corpo, à corporeidade e à diversidade cultural, assuntos estes, comuns às áreas de educação, da saúde e da educação física, entendendo essa última como uma prática social pedagógica.

O corpo é do ponto de vista científico a instância fundamental para articular conceitos centrais e fornecer as bases para uma teoria pedagógica. A corporeidade constitui instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica. Por isso, o ético-político e as opções solidárias precisam ser definidos a partir da corporeidade.

O eixo dessa investigação consiste em pesquisar as representações de corpo e examinar as relações implícitas dentro de um sistema cultural mais abrangente. Para tanto, objetivamos:

- Estudar e refletir à luz da literatura contemporânea, quais são os corpos que somos e que nos disseram que temos, inculcados e ensinados, feitos de linguagens, símbolos e imagens, impostas pela mídia;
- Investigar de que maneira a sociedade, a mídia, os meios de comunicação escrita, falada e televisiva nos influenciam para quereremos ter tal ou qual corpo;
- Identificar junto ao público masculino, o discurso sobre o corpo nas academias de ginástica de Juiz de Fora-MG .

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Procurar entender as representações sobre “corporeidade”, “imagem corporal” e “motricidade”, nesse atual momento histórico, vem exigindo muito cuidado e compreensão de alguns axiomas que, até onde temos observado, pertencem aos atributos labirínticos do símbolo. Ou seja, torna-se imperativo acrescentar à análise do comportamento humano, a interpretação semiótica, dramática e fenomenológica.

Examinadas no contexto da ação simbólica, essas investigações devem ser estudadas como transmissoras de códigos culturais que denunciam as percepções humanas, bem como a forma de compreensão sobre esse corpo em nosso

sistema cultural. Esta investigação busca fornecer, essencialmente, uma base fecunda para uma incursão teórico-crítica no domínio do conhecimento sobre o corpo masculino.

É inegável a crescente importância que, nas sociedades modernas, atribui-se a alguns “valores” entre os quais poder, beleza, juventude, riqueza, que estratificam os seres humanos de acordo com princípios pré-estabelecidos culturalmente.

A busca frenética do corpo ideal pelo ser humano, produzido pela mídia e desfilado em revistas, filmes e novelas tem acarretado uma falta de bom senso e critério, em que o importante é estar dentro dos padrões determinados, independente das conseqüências. A beleza é buscada e comprada a qualquer preço e a qualquer custo. Assmann (1995, p. 72-73) nos questiona sobre:

quantos corpos, sucessivos e simultâneos, já tivemos? Não é verdade que, num sentido muito real, temos imensa dificuldade em *ser* nosso corpo porque já nos inculcaram de mil maneiras que temos tal ou qual corpo? Ou seja, mais do que ser a sua verdadeira e real substância, nossos corpos são corpos que nos disseram que temos, *corpos inculcados e ensinados*¹, feitos de linguagens, símbolos e imagens. As culturas, as ideologias e as organizações sempre inventam um corpo humano adequado e conforme (grifos do autor).

A exemplo, nos dias de hoje, Assmann (1995, p. 73) acrescenta que o corpo parece ajustável ao que precisa e chama a atenção também para os produzidos pela mídia e pelos fãs, sonhados no imaginário das novelas.

[...] o corpo moderno ganhou características inéditas: deixou para trás a rigidez de concepções antigas e mais ou menos sacrais. Imaginemos quanta plasticidade, moldeabilidade, elasticidade e maleabilidade se requer para poder preencher as funções de corpo educável, microcosmo dessacralizado e sem mistério, força-de-trabalho ajustada e ajustável, corpos estivadores, corpos-garços, corpos-executivos, corpo-capital-humano, corpo-relação mercantil, corpo de atleta, corpo escultural, corpo-fetichado, corpo sexo hiper genitalizado, corpos vilipendiados ou glorificados por sua forma ou cor etc. – até culminar no corpo, plenamente “valor de troca”, da engenharia genética e do mercado de órgãos.

Investindo política e economicamente no corpo, a sociedade estabelece *a priori* critérios de seleção das oportunidades e das pessoas a elas acessantes.

Vivemos a era das imagens e, nesse contexto, estamos experimentando uma saturação de signos no tocante ao corpo ideal. Nessa ciranda de signos, ele fica reduzido a escravo de si mesmo, o corpo real é desprezado e descartado em prol do desejado e imaginado. Essa valorização visual impõe-se de forma drástica e direta.

1. Sobre corpos ensinados, ler Denis, (1980).

Observa-se que a cultura sempre ditou padrões e normas em relação ao corpo. Porém, nos dias atuais, essa situação tem manifestado-se de maneira intensa e sem limites. Na realidade vivemos uma ditadura do corpo perfeito, ideal, sobre o corpo que é realmente possível e viável em uma sociedade com uma miscigenação tão variada. A esse respeito, Bruhns (1989, p. 43) acrescenta:

Vivemos dentro de uma tradição cultural na qual nosso corpo sofre uma série de repressões através de preconceitos, normas sociais etc., sofrendo com isso uma rigidez postural.

A cultura dita normas em relação ao corpo.

A mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais.

Ao corpo se aplicam também crenças e sentimentos que estejam na base da nossa vida social.

Podemos então, pôr em evidência a ligação entre a industrialização, o desenvolvimento do lazer e o tipo de atividades corporais praticado na nossa civilização atual.

A antropologia que se preocupa em buscar como cada cultura molda a personalidade dos indivíduos, consciente ou inconscientemente, através de suas instituições e modelos que lhes propõe, deve nos interessar muito no plano das nossas preocupações educativas.

Acreditava-se freqüentemente que as mulheres estivessem muito mais insatisfeitas com sua aparência que os homens, mas, na realidade, observa-se que muitos homens acham-se tão infelizes em relação a ela quanto as mulheres. Além disso, os homens não estão apenas preocupados ou insatisfeitos com sua imagem corporal; podem também possuir uma visão distorcida, percebendo a si mesmos diferentes (e geralmente piores) do que realmente são. Existe assim, não raro, um círculo vicioso estabelecido: quanto mais uma pessoa concentra-se em sua aparência corporal, pior tende a sentir-se a respeito do que vê – a obsessão alimenta o descontentamento.

A neurose do corpo perfeito constitui, nos dias atuais, uma verdadeira “epidemia” que assola sociedades industrializadas e desenvolvidas acometendo sobretudo, adolescentes e adultos jovens. Quais serão os sintomas dessa epidemia emocional? De um modo geral, o pensamento falho e doentio das pessoas portadoras dessas patologias caracteriza-se por uma obsessão pela perfeição corporal. Na realidade, trata-se de uma “epidemia de culto ao corpo”.

Essa “epidemia” multiplica-se numa população patologicamente preocupada com a perfeição do corpo e que está sendo afetada por alterações psíquicas caracterizadas por distúrbios na representação pessoal da imagem corporal.

Entenda-se por imagem corporal a forma como um indivíduo percebe-se e sente-se em relação ao seu próprio corpo. De acordo com Teves (2002, p. 2):

uma imagem corporal remete, de algum modo, ao sentido das imagens corporais que circulam na comunidade e se constroem a partir dos diversos relacionamentos que ali se estabelecem, seja pela proximidade, seja pela distância emocional que aquela imagem proporciona. Ou seja, em qualquer grupo existe sempre uma imagem social do corpo, e por isso mesmo provoca uma tendência à identificação do sujeito com outros integrantes do grupo, instituindo-se assim imagens corporais para seus membros.

Dentro dos parâmetros deste estudo, buscar entender as representações de corpos masculinos freqüentadores de academias significa contar com a perplexidade, com o estranho, com o diferente em relação aos padrões previstos pelo mito da atividade física e saúde. Significa procurar respostas a questões aparentemente óbvias, mas que, no entanto, são bastante complexas.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

Atualmente muito se tem discutido a respeito da tomada de decisão do pesquisador em relação à abordagem metodológica a ser utilizada para o desenvolvimento do trabalho. De acordo com Chizzoti (1991, p. 81), “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”.

O critério para seleção das fontes de dados implica, diretamente, a forma como ocorrerá a generalização dos conhecimentos obtidos. Dessa forma, o pesquisador deverá expor e validar os meios e técnicas adotadas, demonstrando cientificamente os dados colhidos e o conhecimento produzido. Ainda segundo Chizzotti (idem, p. 85),

a pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação.

Com essa pesquisa pretendemos analisar os discursos dos freqüentadores de academias – homens com idades entre 18 e 30 anos, buscando compreender quais são os sentidos que eles estão produzindo em suas falas sobre seus corpos e a prática de atividade física. Para realizarmos essas análises trabalhamos com o pensamento de Orlandi que é orientado pela perspectiva européia, Escola Francesa de Análise do Discurso (AD).

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Nas palavras de Orlandi (2000, p. 15),

essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Dessa forma, todo discurso estabelece-se na relação com um anterior e indicando um posterior, não havendo discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo que, ao ser recortado, pode ser analisado de formas diferentes.

Resumidamente podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto apresenta e aquilo que subtende-se, e entre as idéias de outros textos. Essas relações de sentido atestam, para Orlandi (1993 p. 46), “a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com o outro (existentes, possíveis, ou imaginários)”.

O *corpus* discursivo foi constituído a partir das discussões sobre corpo e diversidade e sobre as produções teóricas dos sujeitos desta pesquisa: dez homens, praticantes de atividades físicas com idades entre 18 e 30 anos – em diversas academias de ginástica de Juiz de Fora – MG e de entrevistas com os mesmos.

Elas foram elaboradas durante reuniões do grupo de estudos e posteriormente submetidas à avaliação de cinco doutores em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos (Faefid) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), para validação do instrumento. Após validado, as entrevistas foram gravadas na íntegra e transcritas literalmente para posterior análise. Os textos permaneceram abertos às análises constantes. O que temos como produto do estudo é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições.

Importa destacar que, nessa metodologia, segundo Orlandi (2000, p. 95) “o sentido é história”. Daí a importância de nossa inserção ativa no nosso tempo, porque este é um tempo de história e, enquanto sujeitos que somos, estamos produzindo em nossos discursos, ideologias, que podem apontar sentidos diferentes para a humanidade.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Mais do que denunciar o modo como nossa sociedade supervaloriza o corpo belo, forte, novo e produtivo, gerando diversas formas de preconceito e de discriminação praticadas pela sociedade moderna e, com toda certeza, pela sociedade contemporânea, importa compreender a trama de relações e a correlação de forças que originaram e alimentaram, como ainda os fazem, as mais variadas formas de identificação e de tratamento do corpo.

A partir da revisão da literatura pertinente, observamos os mecanismos utilizados pela sociedade para lidar com o corpo e a diversidade, considerada, no muito das vezes, como desvio dos padrões de normalidade estabelecidos e como tal assumidos.

Após análise das entrevistas realizadas, acreditamos ser possível afirmar que no Brasil, em especial nas regiões Sul e Sudeste, é crescente a obsessão compulsiva pela

musculatura, o uso e abuso de ingestão de drogas e de esteróides anabolizantes, de tatuagens no corpo como parte do ritual de iniciação de jovens que praticam musculação e fisiculturismo. Falas como essa são recorrentes entre os jovens pesquisados:

Os adolescentes e os jovens buscam um corpo dos filmes, da Malhação, buscam essencialmente, chamar atenção. As pessoas querem ficar grandes para chamarem atenção, principalmente os homens. É a questão da força, do ser forte. O negócio é destacar no meio do grupo. E quando se é forte destaca-se e chama a atenção. E grande parte da molecada que começa a malhar agora para querer *ficar forte*, é para se destacar no grupo de amigos, das pessoas que estão ao redor dele. E mais em relação ao público masculino, com certeza. *Ele quer parecer forte em relação aos outros homens* (D. F. 21 anos, estudante de Educação Física, fisiculturista) (grifos nossos).

Diante de relatos dessa natureza, foi relevante a análise das múltiplas linguagens para ter acesso ao imaginário daqueles jovens, utilizando, além das entrevistas, livros de fisiculturismo com imagens de desportistas, retratos de praticantes do esporte e desenhos da figura humana, feitos pelos próprios rapazes.

De acordo com Teves (2002, p. 2):

A linguagem enquanto produção de sentidos, não só cristaliza sentidos mas também os transforma. Nos discursos estão sempre presentes as noções de sujeito e da situação em que ele se encontra.

Essas noções, enquanto formações imaginárias, constituem as condições de produção do discurso. Nele aparece a imagem que o locutor tem de seu lugar social e do lugar social do outro. A imagem que faz de si mesmo nessa relação é construída a partir da suposição da imagem que o outro faz dele. Nesse jogo de representações se constituem as regras de projeção.

Ao analisarmos as entrevistas procuramos compreender os processos de significação a que aqueles jovens foram e têm sido submetidos ao longo de suas vivências. Notem esse discurso de um deles:

A pessoa que adquire o hábito da musculação, começa a ver resultados, começa a entrar mesmo naquela coisa de seguir uma dieta, seguir um diário de treinamento, uma rotina, ela com certeza, vai continuar.

As pessoas que não se adaptam ao tipo de treinamento, à dieta, sai fora da musculação. Agora as pessoas que gostam da atividade física musculação, elas vão continuar para o resto da vida, *porque quem ganha não quer perder* [referindo-se à massa muscular] (M. O. F., 23 anos, praticante de musculação, grifos nossos).

A musculação, e mais freqüentemente o fisiculturismo, segundo os informantes, exigem um ritual obsessivo a ser seguido sem questionamentos e determi-

nadas características de personalidade, para que o praticante seja aceito pelo grupo e consiga persistir no esporte, como pode ser observado nessa fala:

Acima de tudo a pessoa tem que ser disciplinada com as suas refeições, e com todo um diário de treinamento que precisa ser preparado com antecedência. Quando a gente vai malhar já vai pensando nos pesos que a gente vai pegar para chegar lá e pegar as cargas tudo certinho;

Tem que ser uma pessoa corajosa, porque se ela não for corajosa ela não vai entrar nessa área de esteróides anabolizantes. Porque os riscos são certos, eles existem, a gente tem que saber que a longo prazo, a curto prazo, ele existe. É um risco calculado para ter “esse corpo”. Só que a gente tenta desviar dos riscos com os remédios de proteção e estudos empíricos que a gente tem notícia. Até hoje eu não conheço alguém que esteja com problema muito sério por causa de esteróides anabolizantes. Conheço bastante gente que toma já há bastante tempo e não sente nada. Souberam tomar, souberam proteger o seu corpo e souberam dar o tempo necessário para limpar o organismo e poder estar entrando de novo com uma dosagem maior da droga (R. E. L., 28 anos, fisiculturista, grifos nossos).

Esses jovens olham-se constantemente no espelho e, apesar de musculosos, podem ver-se enfraquecidos ou distantes de seus ideais. A imagem que fazem de si mesmos é constituída a partir da suposição da imagem que o outro faz dele. Nesse jogo de representações constituem-se as regras de projeção. Pelas vias sinuosas da linguagem em que metáforas e alegorias decifram códigos, faz-se importante analisar a representação da imagem corporal desenhada por C. A. N., um jovem de 19 anos que morreu em Outubro de 2003, em Juiz de Fora, vítima do consumo excessivo de anabolizantes e cuja representação da imagem corporal surge como alguma coisa estranha: o corpo é exageradamente forte e o rosto retrata uma fisionomia animal, os dentes em destaque, punhos cerrados, expressão de agressividade não-dita, o ocultado, o ainda indefinido. Essa imagem/representação tem seu fundamento no “transtorno dismórfico corporal”.

Essa foi uma constatação extremamente importante, na medida que vemos confirmado o perfil desse jovem na música/rap de Gabriel – O pensador, “Retrato de um Playboy”, parte II:

Porque eu luto Jiu-Jitsu mas é só por diversão
(É isso aí meu “cumpadi” my brother, meu irmão)
Se alguma coisa está na moda então eu faço também
Iguazinho a mim eu conheço mais de cem
Se eu faço tudo o que eles fazem então tudo bem.
[...]

Faço só o que os outros fazem e acho isso legal
Arrumo brigas com a galera e acho sensacional
Me olho no espelho e me acho o tal
[...]
Sou Playboy, filhinho de papai
Eu tenho um pitbull e imito o que ele faz
[...]

Esse quadro parece, acentuar-se nos últimos vinte anos, quando passamos a ser bombardeados com imagens de corpos “abastecidos” com esteróides, homens com corpos extremamente musculosos. Os vemos na televisão, na publicidade e nos filmes. Segundo Pope et al. (2000, p. 22), ver essas imagens quando se está em pleno crescimento leva os adolescentes e homens jovens a desenvolver a crença de que assim é como um homem ideal deveria ver-se. Como consequência, produz-se frustração e insegurança por não ver-se suficientemente bem.

Numa outra parte da música/rap de Gabriel – O pensador, citada anteriormente, constatamos o quanto as representações desse corpo masculino beiram ao narcisismo e confirmam o distúrbio da imagem corporal:

Eu sou muito macho, pelo menos eu acho
Macho não vacila, macho arrasa
Macho não leva desaforo para casa
Macho é isso, não brinca em serviço
Macho é robusto, macho é roliço
Macho é parrudo, macho é pescoçudo
Macho é poderoso, macho é tudo!
Macho é o que há! E eu gosto muito rapaz!
Macho é lindo, macho é demais.
[...]
Aí é melhor trabalhar... os músculos né?
Malhar é melhor do que mulher.

Ao analisarmos as entrevistas, juntamente com a letra da música, apreendemos os sentidos relacionados à imagem corporal masculina, voltada para o grupo, “a tribo” do mesmo sexo, da mesma idade, como o discurso identificado nessa próxima entrevista:

As meninas em si, não gostam de homens muito fortes. Quando a gente conversa, as minhas amigas perguntam se quero ficar muito grande. Eu respondo que quero crescer mais um pouco. Elas falam que ficar excessivamente grande. volumoso e definido, é muito feio e elas não gostam. Mas, gostamos de cultivar e definir o corpo para sentirmos mais

fortes. Você já viu os filmes do Schwarzenegger? É isso que queremos. Um corpo esculpido e trabalhado (G. H., 23 anos, praticante de musculação, grifos nossos).

Fica evidente nessa e em muitas outras falas, o impacto das novelas, de programas de TV e dos vídeos musicais entre a população adolescente. Tudo isso influi fortemente nessas tendências supermusculares e nos transtornos dismórfico-corporais que acometem pessoas com graves perturbações emocionais e que precisam de muita ajuda.

Até recentemente, considerava-se de um modo geral que a preocupação com a imagem corporal, a insatisfação com ela e as distorções, afligiam primariamente as mulheres. Contudo, durante a última década, está tornando-se óbvio, a partir de muitos estudos, que essas são grandes preocupações para os homens também. Eles estão despendendo uma parte surpreendentemente grande de seu tempo pensando em sua aparência. Pope et al. (2000, p. 68) citam vários estudos em seu livro: *O Complexo de Adônis – a obsessão masculina pelo corpo*, em que demonstram que os homens não apenas despendem muito tempo pensando na aparência, mas muitos deles acham-se insatisfeitos com ela e perturbados com isso. Quando indagados sobre que tipo de físico gostariam de possuir, a maioria esmagadora dos homens disse que gostaria de ser bem construído e musculoso, em vez de ser magro ou gordo. Essa mesma preferência é expressa até por meninos de até cinco ou seis anos. Vários desses estudos demonstraram que os homens preferem especificamente um tipo de corpo altamente musculoso, caracterizado por músculos peitorais e braços altamente desenvolvidos, com ombros largos afinando até uma pequena cintura.

Pessoas com esse transtorno sofrem de idéias contínuas sobre o modo como percebem a própria aparência corporal. Esses pensamentos persistentes, intrusivos, difíceis de resistir, invadindo a consciência e em geral acompanhados por compulsões rituais de olhar-se no espelho constantemente, seriam muito semelhantes aos pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo. Também insistem em dietas baixas em gorduras e ricas em proteínas e hidrato de carbono. Alguns podem chegar a ingerir mais de 4.500 calorias diárias (o normal para uma pessoa é 2.500), e sempre acompanhado por numerosos e perigosos complementos vitamínicos, hormonais e anabolizantes. Tudo isso é feito com o propósito de aumentar a massa muscular. Portanto, comumente há o risco de abusarem dessas substâncias e esteróides anabolizantes, mesmo quando alertados quanto aos graves efeitos colaterais.

Essa obsessão de beleza física e perfeição convertem-se em autênticas doenças emocionais, acompanhadas de severa ansiedade, depressão, fobias, atitudes compulsivas e repetitivas (olhadas seguidas no espelho) que conduzem ao chamado transtorno dismórfico corporal.

Os transtornos dismórfico-corporais e os transtornos alimentares compartilham alguns sintomas em comum, tais como, desejar uma imagem corporal perfeita e favorecer uma distorção da realidade diante do espelho. Isso ocorre porque, nas últimas décadas, ser fisicamente perfeito tem convertido-se num dos objetivos principais (e estupidamente frívolos) das sociedades desenvolvidas. É uma meta imposta por novos modelos de vida, nos quais o aspecto físico parece ser o único sinônimo válido de êxito, felicidade e, inclusive "saúde".

O termo dismorfia corporal foi proposto em 1886 pelo italiano Morselli. Embora exista um grande número de pessoas muito preocupadas com sua aparência, para ser diagnosticado de dismorfia, deve haver sofrimento significativo e uma reiterada obsessão com alguma parte do corpo que impeça uma vida normal. Quando esse quadro todo fixa-se na questão muscular, havendo uma busca obsessiva para uma silhueta perfeita, o transtorno se chama vigorexia ou transtorno dismórfico muscular (Pope, Phlillips, Olivardia, 2000, p. 28).

A busca de um corpo perfeito e musculoso a qualquer preço deve ser tratada como uma patologia. A vigorexia ou síndrome de Adônis, é um transtorno emocional, assim denominado pelo psiquiatra americano Harrison G. Pope da Faculdade de Medicina de Harvard, Massachusetts. Os estudos de Pope foram publicados na revista *Psychosomatic Medicine* e no livro *The Adonis complex*, traduzido por Sérgio Teixeira e Publicado pela Editora Campus (2000). Esses estudos constaram da observação de adeptos à musculação e comprovaram que entre mais de 9 milhões de norte-americanos que freqüentam regularmente academias de ginástica, cerca de um milhão poderiam estar acometidos por este transtorno emocional.

Todavia, apesar de ser clinicamente caracterizada, a vigorexia não está incluída nas classificações tradicionais de transtornos psicológicos ou psiquiátricos (CID. 10 e DSM. IV), embora possa ser considerada uma espécie de dismorfia corporal, já que a vigorexia também é conhecida por esse nome.

No entanto, não pretendemos generalizar e nem afirmar que todos os praticantes de musculação e de fisiculturismo sejam vigoréxicos. Os exercícios orientados, com indicação médica ou terapêutica, recreativos ou de condicionamento continuam sendo objeto de estudo de profissionais, tanto da medicina, psiquiatria e, principalmente da Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam há séculos para adquirir a forma física perfeita. Do halterofilismo compulsivo até o uso de esteróides, dos implantes de cabelo até a

cirurgia plástica, um número cada vez maior de homens procura satisfazer os padrões que se exigem para os músculos, a pele e os cabelos, o que transcende a linha do interesse normal para tornar-se obsessão patológica, o que impõe um risco à saúde tão perigoso e mortal quanto os representados pelos distúrbios da alimentação nas mulheres e adolescentes.

É possível constatar que essa secreta crise da obsessão corporal masculina aflige milhões de pessoas no mundo todo. Esse problema é potencializado quando fatores biológicos e psicológicos combinam-se com as poderosas e irreais mensagens da sociedade moderna e da mídia que dão ênfase ao corpo masculino ideal, cada vez mais perfeito e não raro inatingível.

Ao questionar-se sobre o porquê da insatisfação muscular e outras preocupações com a aparência do corpo, que estão se tornando tão comuns entre os homens modernos, Pope et al. (2000, p. 30) analisa que nossos avós não pareciam se preocupar se pareciam musculosos e nem faziam flexões ou exercícios abdominais e, muito menos, iam às academias de ginástica para malhar, nem tampouco, preocupavam-se com seu percentual de gordura corporal.

Fato é, que nossos avôs raramente eram expostos às imagens dos “supermachos” – ao contrário dos jovens pesquisados: C. A. N., D. F., M. O. F., R. E. L. ou G. H., e tantos outros rapazes de nossa época, que os viam/vêm todos os dias. Na sociedade moderna, essas imagens estão confinadas às paredes das academias – estão por toda parte. Os homens mais masculinos dos anos de 1930, 1940 e 1950 – John Wayne, Clark Gable, Gregory Peck – parecem magros e fracos em comparação aos modernos heróis musculosos do cinema de ação – Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stalone ou Jean Claude Van Damme. Hoje, enquanto cresce, desde menino, um homem jovem é sujeito a milhares e milhares dessas imagens de supermachos. Cada uma delas está ligada ao sucesso – social, financeiro e sexual. Mas essas imagens têm tornado-se progressivamente mais magras e mais musculosas. E dessa forma, cada vez mais distantes do que qualquer homem comum consegue atingir. E assim a sociedade e a mídia pregam uma perturbadora e insistente mensagem dupla e perversa: a auto-estima de um homem deve basear-se principalmente em sua aparência, embora pelos padrões das imagens dos supermachos modernos, praticamente nenhum homem consiga atingi-la.

Torna-se compreensível, portanto, que muitos jovens modernos sintam-se infelizes com o que vêem no espelho. E não é de surpreender que entre eles um número cada vez maior de situações graves como a de C. A. N., cuja vida foi extirpada por estas tendências. Crescendo nos anos de 1970 e 1980, ele como tantos outros, vem absorvendo toda a corrente de imagens de “supermachos” da mídia moderna.

Vários jovens entrevistados nos descreveram como assistiam/assistem aos filmes de Sylvester Stalone e Arnold Schwarzenegger, e que, desde crianças, fantasiavam que um dia seriam iguais aos heróis dos filmes em que eles atuam. De acordo com Pope et al. (2000, p. 32), “gradualmente, a aparência do corpo tornou-se a base dominante – e por fim a única base – da auto-estima”.

Tal constatação é motivo de preocupação por parte de profissionais da área da Educação Física, já que situações como as pesquisadas são recorrentes e caso se perca um pouco de musculatura ou aumente a gordura corporal é sinônimo de vergonha e humilhação. Para adolescentes e rapazes de nossa época um corpo “malhado, forte e sarado” torna-se tão importante que, a cada dia, levam mais jovens, quando não à morte, ao quase completo isolamento social e, não raro, à deteriorização de relacionamentos com pessoas que lhes são caras.

É necessário reconhecer a gravidade da situação. É preciso que, principalmente nós, profissionais de Educação Física, atentemos para essa nova realidade que salta aos nossos olhos no cotidiano das academias. A partir da constatação de qualquer desses distúrbios da imagem corporal (especialmente distúrbio dismórfico corporal ou distúrbio alimentar) devemos estar preparados para trabalhar em conjunto com outros profissionais – psicólogos, psiquiatras, nutricionistas – para tentar minimizar os danos para essa população jovem que aí está, buscando desesperadamente, o corpo “perfeito, malhado, forte, sarado”.

The male obsession for the body:
body builders, supermuscular and strong

ABSTRACT: The present study aims to analyze the discourse about representation of male bodies, frequenting gyms. More than ever, men are dealing with the same and intense pressure that women deal for centuries to obtain the physical shape considered “perfect”. From the compulsive weightlifting to the steroids use, an increasing number of men are trying to satisfy the required patterns for the muscles, skin, and hair. What transcend the normal interest line to the pathologic obsession, and what inflict a health risk so dangerous and mortal than the ones represented by the eating disorder? This scene influence strongly and decisively the supermuscular tendencies and on the body disphormic disorder.

KEY-WORDS: Physical education; body image; body.

La obsesión masculina por el cuerpo: trabajado, fuerte y robusto

RESUMEN: En éste estudio tenemos como objetivo analizar el discurso sobre las representaciones de los cuerpos masculinos frecuentadores de academias de gimnasia. En la actualidad, es normal el hecho que los hombres están lidiando con la misma e intensa presión que las mujeres enfrentaban hace siglos para adquirir la forma física considerada "perfecta". Desde la halterofilia compulsiva, hasta el uso de esteroides, un número cada vez más grande de hombres busca satisfacer los padrones exigidos para los músculos, la piel y los cabellos. Ello trasciende la línea de interés normal para transformarse en una obsesión patológica que impone un riesgo a la salud, tan peligrosa y mortal como los representados por el desorden de la alimentación. Ese cuadro influye fuerte y decisivamente en las tendencias supermusculares y en los trastornos dismórficos corporales.

PALABRAS CLAVES: Educación física; imagen corporal; cuerpo.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba: Editora da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), 1995.

_____. *Reencantar a educação: rumo a uma sociedade aprendente*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUHNS, H. *Conversando sobre o corpo*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

DENIS, D. *El cuerpo enseñado*. Barcelona: Paidós, 1980.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

POPE, H. G. URL. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/alimentar/vigorexia.html>>. Acesso em: 10 out. 2003.

_____; PHILLIPS, K. A.; OLIVARDIA, R. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Trad. de Sérgio Teixeira. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

TEVES, N. A imagem corporal como fator de ressocialização de meninos de rua. In: 9º CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. *Anais...* São Luiz: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), nov. 2002.

Recebido: 4 fev. 2005

Avaliado: 6 abril. 2005

Endereço para correspondencia

Rua Pe. Frederico, 180

Sta Catarina

Juiz de Fora – MG

CEP 36036-150